

jornal da tarde

Publicado pela S/A O ESTADO DE S. PAULO
 Av. Engº Caetano Álvares, 55 — Tel.: 856-2122 (PABX) — CEP 02598-900
 São Paulo — SP — Caixa Postal 8005 — CEP 01065-970 SP — E. Telegráfico ESTADO
 Telex 011.23511 — Fax 265-2297 — e-mail: jtarde@estado.com.br



JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO · FRANCISCO MESQUITA
(1927 - 1969)

Diretor-responsável
FERNÃO L. MESQUITA

Diretores
 Julio de Mesquita Neto
 Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
 Ruy Mesquita
 Oliveiros S. Ferreira

Diretor de Unidade
Ruy Mesquita Filho

Diretor-superintendente
Francisco de Mesquita Neto

Diretor-executivo
Leão Serva

Diretor-comercial
Roberto Crissiuma Mesquita

Editor-chefe
Celso Kinjô

Diretor da Agência Estado
Rodrigo L. Mesquita

O sucesso de FHC na França

Ao contrário do que possam ficar pensando os leitores de columnistas de jornais que acham que presidentes de países onde ainda há fome, em visita a Paris, devem comer no McDonald's, ou em uma Pizza Hut, para não afrontar os esfomeados do seu país, e por isso acham que de importante — negativamente é claro — na visita do presidente do Brasil à capital francesa só houve, até agora, o jantar que lhe foi oferecido no famoso e caro restaurante Lasserre, que André Malraux freqüentava quase que diariamente (esqueceu-se da tradicional operação aritmética através da qual, em comentários desse tipo, se mostra quantas obras sociais poderiam ser feitas com o dinheiro desperdiçado em supérfluos — quantas cestas básicas, por exemplo, poderiam ser compradas com a conta paga pelo senador Piça), a visita do presidente Fernando Henrique a Paris está rendendo, até agora, altíssimos dividendos tanto políticos quanto econômicos. É o que dizem todas as matérias enviadas pelos jornalistas brasileiros que estão cobrindo a visita, e é o que diz também a imprensa parisiense que vem dando uma importância excepcional à visita. Com exceção das ONGs de plantão que fizeram os protestos de costume no primeiro dia da visita — como se Fernando Henrique fosse a reencarnação brasileira de Herodes, dedicando-se a chacinar crianças, ou de John Wayne, vivendo a caçar índios —, tanto o governo francês quanto os empresários aos quais falou, assim como a imprensa em geral, ficaram impressionados com o nível dos discursos em que Fernando Henrique, reconhecendo todas as mazelas de uma sociedade marcada ainda por desigualdades gritantes e por todos os tipos de violência que são comuns a todas as sociedades modernas, mostrou também que o Brasil apresenta uma performance econômica, na perspectiva histórica, só superada pelo Japão e constitui hoje um dos mercados mais atrativos para o capital estrangeiro, depois da estabilização da moeda e da abertura da sua economia para o mundo, através das reformas constitucionais da ordem econômica já aprovadas pelo Congresso e em vias de regulamentação.

Fernando Henrique, na França, que é sua pátria cultural, voltou a ser ele mesmo, como, aliás, se espera-

va. É natural que ele se sinta mais à vontade tentando vender sua "mercadoria" para platéias do nível das que enfrenta nessa viagem, do que sendo obrigado a "negociar" com os Odelmo Leão, os Newton Cardoso e outros espécimes da fisiologia congressual.

Ele conhece bem os franceses e sabe como conquistar sua simpatia. Além disso, ao contrário do que possam sugerir as manifestações estereotipadas das ONGs parisienses, a opinião pública francesa sabe, como diz nosso correspondente Gilles Lapouge, que "o Brasil voltou a ser um país sério, um poderoso parceiro econômico, um pólo de democracia na América Latina", embora politicamente ainda esteja, como insinuou Fernando Henrique, numa fase muito parecida com a que a França atravessou desde que o general De Gaulle deixou a chefia do governo logo depois da guerra até que voltou a ele, convocado pela nação francesa, 13 anos depois.

Enquanto eles tiveram De Gaulle para reformar as instituições políticas francesas, nós tivemos o general Geisel para lançar, com o famoso "pacote de abril", os fundamentos da nossa redemocratização. Não temos, pois, do que nos envergonhar com nossa democracia adolescente.

Quando Pedro Álvares Cabral avistou o Monte Pascoal, a Universidade de Paris já tinha 300 anos de idade e a França só se transformou numa democracia estável e moderna em 1958, com a 5ª República do general De Gaulle.

A nossa primeira verdadeira universidade foi fundada em 1934, em São Paulo, com o objetivo declarado por seus fundadores de produzir as elites — no melhor sentido do termo — capazes de transformar o Brasil do caudilho Vargas numa nação politicamente civilizada, economicamente pujante e socialmente equilibrada.

O que já avançamos nesse rumo — a despeito de tantos recuos ocasionais, de tantos fracassos e tantas decepções — desmente o pessimismo dos que analisam o cenário político-administrativo cotidiano sem pensar no que éramos ontem e só pensando no que precisamos ser amanhã.